

## PROCESSO EDUCATIVO DIÁLOGICO PARA A MUDIATIZAÇÃO DA PESQUISA ACADÊMICA

Júlio César Correia da Silva <sup>1</sup>  
Luís Paulo Leopoldo Mercado <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa analítica acerca das condicionantes do diálogo eletrônico que possibilita a midiatização e comunicação da pesquisa acadêmica em modelos abertos de divulgação no ciberespaço. O texto advoga em favor de uma abordagem de aprendizagem construtivista, amparada nos contextos do *Open Access*, que tem como um de seus principais objetivos, possibilitar a democratização do acesso ao conhecimento científico em todas as camadas sociais. Para tanto, apresenta as premissas do diálogo que surge das interações entre os atores da Ciência, mediado pelos recursos digitais, apoiando-se nas contribuições de Síveres (2018), Freire (2018) e Lévy (1999). A midiatização da pesquisa acadêmica e as noções de modelo de divulgação em acesso aberto, além da integridade da pesquisa são fundamentados em Moreno *et al* (2006), Oliveira (2018), Pierro (2018), Beall (2015), Goldim (2016) e Pithan *et al* (2016) contribuem, respectivamente. Apresenta noções de ambiência para midiatizar e divulgar dados de pesquisas científicas, propondo um Processo Educativo Dialógico (PED) para mediar os diálogos eletrônicos e promover a interconectividade global da Ciência, em benefício da formação em cidadania.

**Palavras-chave:** Midiatização, *Open Access*, Diálogo Eletrônico

### INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo analítico acerca da importância do diálogo para midiatização da pesquisa acadêmica, levando em consideração os aspectos sociais e afetivos (BEHAR, 2019) de produtores e coprodutores de *Open Access* e as condicionantes do diálogo eletrônico que se dá na comunicação e distribuição de dados de pesquisa no ciberespaço. Denominamos de PED o intercâmbio de experiências entre pesquisadores e não pesquisadores na produção científica mediada por meio de recursos digitais, que, quando utilizados para fins pedagógicos, promovem a formação em cidadania e a Ciência Cidadã a partir das práticas de abertura e da disseminação do conhecimento em mídias.

A temática abordada debruça-se acerca do diálogo na escrita científica *online*, levando em consideração as possibilidades de compartilhamento, informatização, comunicação e midiatização de pesquisas em *Open Access*, desde a sua elaboração e condução até a sua distribuição por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) para

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [julio.silva@cedu.ufal.br](mailto:julio.silva@cedu.ufal.br);

<sup>2</sup> Professor Orientador: Doutor, Centro de Educação - UFAL, [luispaulomercado@gmail.com](mailto:luispaulomercado@gmail.com);

mostrar as contribuições da premissa dialógica para a promoção da midiaticização e do acesso aberto às pesquisas acadêmicas.

Esta pesquisa tem como objetivo dialogar acerca das práticas de comunicação e midiaticização da pesquisa acadêmica (MORENO *et al*, 2006; OLIVEIRA, 2018), baseando-se em um processo educativo dialógico (SÍVERES, 2018), que sob a ótica da lógica comunicativa educacional (PINTO, 2007) permita pensar uma arquitetura eletrônica para o diálogo nos principais modelos de acesso aberto à pesquisas (PIERRO, 2018), incorporando noções de integridade e ética na pesquisa (GOLDIM, 2016; PITHAN *et al*, 2016), obedecendo as premissas do *Open Access*.

Ressalta-se a importância da temática em função de sua moderada exploração e exposição no campo da educação. Contudo, a crescente profusão e difusão das TDIC na educação fez surgir novos conhecimentos em benefício da universalização da Ciência, que com o advento da Educação Aberta permitiu reconfigurar o conhecimento aplicado em dados acionáveis mais permissivos e partilháveis (SANTOS *et al*, 2012), possibilitando, ainda que de forma tímida, o acesso livre e gratuito a pesquisas financiadas com dinheiro público, o que na visão de Freire (2018) é dar condições para que o sujeito se liberte sozinho e sai da condição de oprimido.

## METODOLOGIA

Para a realização e efetivação da pesquisa analítica, partimos, inicialmente, do levantamento bibliográfico sobre midiaticização e comunicação da pesquisa científica, posteriormente, estudamos a etimologia da palavra diálogo, que em grego fecunda-se *διάλογος* (diálogos) – conversação entre duas ou mais pessoas -, que significa movimento/passagem, para engendrar o conceito eletrônico de dialogicidade no *Open Access* como uma proposta de estudo para os diálogos que surgem na interação dos sujeitos no ciberespaço e que implicam significativamente na partilha de dados de pesquisas científicas públicas (cibercultura).

A partir dos levantamentos bibliográficos, investigou-se a contribuição que o diálogo oferece para a midiaticização e o acesso aberto às pesquisas acadêmicas. Com isso, fizemos um diagnóstico do tipo de material aberto mais permissivo ao acesso aberto e gratuito, que levasse em consideração os aspectos sociais e afetivos (BEHAR, 2019) de seus pesquisadores e atendesse a uma abordagem construtivista pautada nos âmbitos jurídico e técnico, que em tese, significa dizer que: cada produção científica segue um padrão ético e moral de conduta, que só

pode ser modificado mediante licenciamento aberto, uma vez já disponibilizado na rede (ALBAGLI *et al*, 2014).

Por fim, também investigamos o diálogo no formato do ciberespaço (LÉVY, 1999) que deve se dar interativamente, pois depende da mediação de um dispositivo digital para acontecer. Assim, o diálogo dentro do ciberespaço limita-se a um composto de regras orgânicas, ou seja, por meio da coesão, respeito e moralidade dos sujeitos que discutem e midiatizam a pesquisa. Esse composto de regras se dá em quatro etapas distintas: debate, discussão, defesa e distribuição, que denominamos de Processo Educativo Dialógico (PED).

## DESENVOLVIMENTO

Dentre os *Contos Completos* de Caio Fernando Abreu, há o “Diálogo” (ABREU, 2018, p. 319-320), que pode ser interpretado das mais variadas formas até que se faça sentido o objetivo do autor: comunicar/dialogar a um receptor. No conto, pode-se perceber a dualidade que apresenta a palavra “companheiro”, no texto narrativo, ora entendida amigavelmente outrora homoafetivamente, que tende a ser difícil de se interpretar se levarmos em consideração as emoções de quem escreve (a quem escreve<sub>i</sub>) e de quem lê (porque lê<sub>i</sub>).

Nesse sentido, o diálogo é uma ferramenta humana de interação e comunicação entre as pessoas e sua utilização vai desde a linguagem falada e escrita, e em alguns casos ocorre por meio da linguagem de sinais, mas configura-se na relação estabelecida pelos sujeitos, seu meio e o próprio eu, respectivamente, seja para apenas informa-se acerca de algo, conversar sobre assuntos mais íntimos do cotidiano ou ativar a própria memória afetiva a partir de lembranças passadas.

Nessa perspectiva, Behar (2019) desenvolveu um estudo acerca dos sistemas de recomendações pedagógicas e apesar de tratar desse assunto no contexto da educação a distância, é interessante que façamos um apontamento acerca dos aspectos sociais e afetivos que são abordados por ela em sua obra, pois eles são condicionantes ao processo de desenvolvimento do diálogo em espaços de interação virtual, que discutiremos nesse estudo.

Para Behar (2019) os aspectos sociais são conduzidos a partir das interações recorrentes no processo de desenvolvimento cognitivo de cada sujeito, que de acordo com a teoria piagetiana surge no seio familiar e se amplia até os espaços de maior concentração de saberes (PIAGET, 1973). Já os aspectos afetivos são a materialização dos traços de personalidade, dos estados de ânimo e das emoções dos sujeitos que se relacionam entre si,

incorporando os aspectos sociais por meio das trocas de experiências e os sentimentos construídos por meio das relações.

Segundo Lévy (1999, p. 44) o ciberespaço é um campo minado, repleto de nuances sistemáticas, que pode levar o sujeito cibernético a lugares nunca vistos ou imaginados, mas quando afirma que “o computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante”, nos remete a ideia de que qualquer dispositivo digital em uso será o mediador dos diálogos e não o provedor, porque não lhe compete os estímulos sociais e afetivos do ser humano (LANIER, 2010), mas a relação humano-máquina existe e é importante, pois através dessa relação o sujeito se torna capaz de dialogar em diversas esferas sociais, inclusive virtualmente (BARBOSA e SILVA, 2010).

No processo de midiatização e divulgação da pesquisa acadêmica, podemos perceber a evolução histórica da inter-relação entre a comunicação e a educação, que depende dos aspectos sociais e afetivos apresentados por Behar (2019) e também confirma as contribuições de Lévy (1999) no sentido de promover uma espaço saudável de interação. Neste processo, temos uma unidade científica que promove a interconectividade global de dados de pesquisa, que se bem organizada pode promover a universalização da Ciência e possibilitar o diálogo democrático entre cientistas/pessoas conectadas por interfaces digitais.

Todas essas relações configuram-se no que Pinto (2007, p. 315) chama de Lógica da Comunicação Educacional (LCE), que basicamente consiste em explicar a relação entre comunicação e educação no seu processo histórico, tomando como único objetivo a partilha de novos conhecimentos pelo ato de educar. Nesse mesmo texto a autora inicia afirmando que “educar é antes de tudo comunicar” e depois expressa seu sentimento em Garcia (2003) que afirma: “Se ainda faltam traços/contornos mais definidos no desenho, o fundo já está dado e as cores desse desenho começam a ganhar brilho e intensidade” (GARCIA *apud* PINTO, 2007, p. 320).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com Freire (2018, p. 109) “o diálogo é uma exigência existencial”, somos condicionados a práxis dialogal (reflexão – ação) constantemente, pois o diálogo é a ferramenta de comunicação e de intercâmbios entre pessoas, sendo servente a promoção da midiatização do mundo em que vivemos, seja na vida particular de cada um ou até mesmo na partilha de dados de uma pesquisa científica por meio de recursos digitais - mais permissivo aos múltiplos contatos, mídias e diálogos -.

O *Open Access* é a reconfiguração acionável do conhecimento científico, que muitas vezes segue critérios de seleção e performance distintas, se distanciando cada vez mais do PED, que segundo Síveres (2018, p. 23) é um processo pedagógico crítico e reflexivo, que gera problemáticas assertivas em prol de procedimentos de formação, ou seja, o diálogo quando empregado integralmente à educação, permite ao sujeito educar-se por meio de uma metodologia recíproca e responsiva, levando em consideração os distintos sistemas naturais, sociais e políticos de cada sujeito.

Quando no ciberespaço, o PED se torna mais responsivo ainda, pois depende de técnicas de interpretação e coesão da escrita *online*, que no estudo em questão configura-se na interatividade permitida através da ação do sujeito que utiliza algum tipo de *gadget* (dispositivo digital) para comunicar-se, de forma síncrona ou assíncrona, com outras pessoas, também conectadas por meio de *gadgets*, a exemplo de *chat*, fórum, webconferência, teleconferência, audioconferência e entre outros meios de comunicação suportados pela tecnologia.

A partir dessa configuração na relação do sujeito com o *gadget*, o PED se aplica como um composto de regras a permitir a organização do diálogo eletrônico no processo de comunicação da pesquisa científica no ciberespaço, que leva em consideração os aspectos sociais e afetivos do pesquisador que indexa a sua pesquisa numa espécie de avaliação preliminar (*preprint*), seguindo os princípios da ética e da integridade na pesquisa, que segundo afirma Goldim (2016) e Pithan *et al* (2016) é um grande desafio porque envolve alguns valores fundamentais da sociedade, que conforme Kolb *et al* (2001), na cultura digital, chama-se ciberética.

O PED divide-se em quatro etapas distintas: i) debate acerca do processo de elaboração da pesquisa; ii) discussão sobre o referencial teórico; iii) defesa do conhecimento aplicado na pesquisa e iv) distribuição por meio da prática de midiaticização e divulgação da pesquisa. Uma vez identificado esses elementos, há um processo educacional dialógico para a materialização do produto e possibilidade de abertura do mesmo.

São muitos os meios de comunicação e midiaticização da pesquisa acadêmica em modo aberto e segundo Pierro (2018) os mais acessados no Brasil são: via *gold*, via *green*, via híbrida e mais recentemente, via *preprint*. Esses modelos abertos de acesso e distribuição da pesquisa acadêmica não são de todo livres ou gratuitos, segundo Moreno *et al* (2006, p. 83) os arquivos de acesso aberto devem incorporar uma tipologia de documento para serem arquivados, que permita a geração de novas versões e a interoperabilidade no funcionamento desses documentos depois de arquivados, o que não impede a cobrança das editoras para indexar e manter esses arquivos nos repositórios.

Para Beall (2015, p. 13) os modelos de via *gold* são os mais “predatórios”, porque cobram dos autores as taxas de manutenção pelas pesquisas indexadas. O autor ainda afirma que esse tipo de prática implica na destruição das culturas de investigação e aumenta a competição entre os pesquisadores, diluindo os fatores de impacto das pesquisas acadêmicas e as práticas de trabalho que garantem a autenticidade, a solidez e a importância das pesquisas.

Lobato (2018), por outro lado, afirma que os modelos de via *preprint* são mais flexíveis e permissivos, pois permitem que uma versão preliminar do trabalho ou mesmo um protótipo de ideias seja lançado para a discussão pública em repositórios abertos, o que posteriormente facilitará a publicação em periódicos, já que a Ciência gera conhecimento e este é um bem público, jurídico e questionável.

Os demais modelos, via *green* e via híbrida, seguem o crivo avaliativo *peer to peer*, que são procedimentos de avaliação por pares que determinará a qualidade do objeto estudado, as noções metodológicas de pesquisa e escrita e a adequação ao perfil de publicação, caso seja aceito pelo crivo, depois o trabalho segue para publicação em periódicos, congressos, fóruns e entre outros eventos de cunho acadêmico.

A divulgação da pesquisa acadêmica de forma aberta e ampliada, permite a dialogicidade entre pesquisadores e comunidades financiadoras, sendo de responsabilidade das agências de fomento oferecer espaços de diálogos primários e secundários, para que as comunidades conheçam o tipo de investimento aplicado em pesquisas e que também possam acessá-las posteriormente. Segundo Oliveira (2018, p. 105) agências de fomento brasileiras, como CNPq, tem solicitado a seus pesquisadores que enviem vídeos curtos contando sobre os resultados de suas pesquisas como parte dos relatórios de prestação de contas, essa prática, ainda que tímida, pode ser considerada como reflexo dos sistemas de recomendações em *Open Access*, além de servirem como materiais de divulgação científica para as próprias agências.

Ao longo do recorte estudado, podemos perceber, nas contribuições de diversos autores estudados, a adoção de alguns elementos importantes para a prática dialógica de midiatização, comunicação e divulgação da pesquisa acadêmica. A trajetória desse estudo confirma a necessidade de discutir a pesquisa científica como um bem público e imaterial da sociedade, cujo o único benefício é permitir acessá-la de forma livre e gratuita em espaços democráticos de interação virtual, possibilitando a cibercultura em todas as camadas da sociedade que optem em contribuir para o PED na Ciência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alcance do diálogo nas suas mais variadas formas, é mais simples que a repetição burocrática e maior que a transmissão de conteúdos empacotados. Parte dos aspectos fundamentais de cada pessoa e caminha até as barreiras físicas de suas emissões, podendo inclusive fazer o caminho de volta, adaptando a sua intensidade, forma, valor, responsividade e compromisso, em prol de uma formação em cidadania e do acesso público ao conhecimento.

A midiatização e a divulgação de dados públicos de pesquisa é fruto do avanço do *Open Access*, origina-se na inter-relação histórica entre educação e comunicação, que segundo Pinto (2007) tem o objetivo de educar pelo ato de se comunicar, que significa evoluir para novos espaços condutores de aprendizagem e mais permissivos a aceitação e distribuição de novos conhecimentos outorgas.

O *Open Access* por sua vez, também serve de nomenclatura para o grupo de pesquisadores que milita por uma educação pública de qualidade e detentora do conhecimento acionável e invendável, que considera a participação das comunidades sociais nas discussões de pesquisas científicas e que não delimita espaços de diálogo, pois reconhece que este se promove em seus entornos, inclusive o virtual, tentando erradicar a desigualdade social por meio do uso das tecnologias dias para promover a interconectividade global da ciência.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Contos Completos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

ALBAGLI, Sarita; CLINIO, Anne; RAYCHTOCK, Sabryna. Ciência Aberta: correntes interpretativas e tipos de ação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 434-450, nov. 2014.

BARBOSA, Simone D.; SILVA, Bruno S. **Interação humano-computador**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

BEALL, Jeffrey. Os editores predatórios estão a destruir a integridade da comunicação acadêmica. In.: GRADIM, Anabela; MOURA, Catarina (org). **Comunicar e avaliar ciência**. Convilhã: Labcom. IFP, 2015, p. 11-30.

BEHAR, P. A. **Recomendação pedagógica em educação a distância**. Porto Alegre: Penso, 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GARCIA, E. G. **Comunicação e educação**: campos e relações interdisciplinares. 2003. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil\\_edson.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil_edson.html)>. Acesso em 13 ago. 2019

GOLDIM, José R. Integridade na pesquisa: um desafio sempre atual. In.: PITHAN, L. H. **Integridade na pesquisa e propriedade intelectual na universidade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016, p. 15-24

KOLB, A.; ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, HW. **Ciberética**: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital. São Paulo: Loyola, 2001.

LANIER, Jaron. **Gadget**: você não é um aplicativo. São Paulo: Saraiva, 2010.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOBATO, Flávia. **Preprints e os novos desafios de autores e editores na comunicação científica**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/blogdabc/preprints-e-os-novos-desafios-de-autores-e-editores-na-comunicacao-cientifica/>>. Acesso em 13 ago. 2019.

MORENO, Fernanda P.; LEITE, Fernando C.; ARELLANO, Miguel A. Acesso livre a publicações e repositórios digitais em ciência da informação no Brasil. **Perspect. Ciênc. Inf.**, v. 11 n.1. p. 82-94, jan./abr. 2006.

OLIVEIRA, Thaianie M. Mdiatização da ciência: reconfiguração do paradigma da comunicação científica e do trabalho acadêmico na era digital. **MATRIZES**, v. 12, n. 3, 2018.

PIAGET, J. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIERRO, Bruno. Comunicação científica sem barreiras: comissão Europeia e agências de apoio à pesquisa buscam aliados para implantar iniciativa de acesso aberto de alcance mundial. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, 276ª edição, 2018.

PINTO, Anamelea C. A inter-relação dos campos e da comunicação: por uma lógica da comunicação educacional. In.: PINTO, A. C.; COSTA, C. J. S.; HADDAD, L. **Formação do pesquisador em educação**: questões contemporâneas. Maceió: Edufal, 2007, p. 315-332.

PITHAN, Livia H.; OLIVEIRA, Alice P. Ética e integridade na pesquisa: plágio nas publicações científicas. In.: \_\_\_\_\_. **Integridade na pesquisa e propriedade intelectual na universidade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016, p. 147-164.

SANTOS, Andreia I. **Educação aberta**: histórico, práticas e o contexto dos recursos educacionais abertos. São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012.

SÍVERES, Luís; VASCONCELOS, Ivar C. (orgs). **Diálogo**: um processo educativo. Brasília: Cidade Gráfica, 2018, p. 11-14.